



ALIANÇA ANARCO-INDÍGENA

Contra o Poder e o Capital, Fortalecer a Aliança Anarco-Indígena

Coletivo Alas de Xue

Em 1991 o Coletivo Alas de Xue abriu um dos debates mais recentes no seio do Certame Anarquista Mundial (CAM), ao apresentar três exposições em que se recolhia o sentimento de uma corrente de pensamento construída e praticada no coração da Nossa América desde os tempos de antanho, quando ainda iluminava o Sol de Amerikua.

Tomasa Condemaita nos falava do sentido libertário dos povos indígenas, Amadeo Clavijo refletia sobre o “pensamento anárquico” nas terras da Nossa América, e Lucho nos comentava sobre a essência revolucionária do Mito como forma de resistência. Muitos dos assistentes chegaram a afirmar que essas colocações eram novas formas de nacionalismo e chauvinismo, que a revolução social era só uma, e o anarquismo é igual em todos os lugares. No entanto, se examinarmos detidamente a história, veremos como o anarquismo dialogou sempre com o indianismo e outras formas de pensamento indígena, nas terras do sol e da anaconda.

Em 1861 o imigrante grego Plotino Rhodakanaty assombrava-se ao chegar ao México e descobrir na prática “mutualista” dos “Calpul” os princípios do anarquismo, chegando à mesma conclusão que Kropotkin: “todos os povos do mundo compartilham uma origem comunalista e ácrata”. Os irmãos Flores Magón, por cujas veias corria orgulhoso o sangue indígena, dariam corpo a estas afirmações em

seu ideário revolucionário, o qual pretenderam levar à prática sob o grito de “Terra e Liberdade”, ao ver os “Calpul” como verdadeiras comunas que, federadas, não se subordinariam a nenhum Estado ou poder central.

A Bolívia conta com uma grande tradição libertária em sua história milenar, desde os tempos do Tawa-in-ti-suyo, a sociedade inca regeu-se por princípios de solidariedade e comunitarismo. Este sentimento manteve-se vivo até os nossos dias. Os heróicos feitos de José Gabriel Condorcanqui, Tupac Amaru, fizeram cambalear a sociedade escravista do império espanhol. Este sentimento uniu-se às recém-chegadas idéias ácratas, tomando verdadeiros aspectos insurreccionais entre os mineiros. Por todas as partes editam-se periódicos anarco-sindicalistas: Potosi, Cochabamba, Santa Cruz. Foram os mineiros indígenas anarco-sindicalistas de Huanuni os que primeiro conquistaram a jornada de oito horas em 1919. Também foram os mineiros-indígenas de Uncia-Llallagua que sofreram o primeiro de vários massacres, realizado pelo exército Boliviano. Foi a Federação Operária Local (FOL), composta de 38 dos mais importantes sindicatos, um dos principais impulsores da Associação Continental Americana de Trabalhadores (ACAT), secretariado regional da AIT.

Gonzalez Prada, no Peru, denunciara permanente-

mente a nefasta influência da igreja católica nas comunidades autóctones “destruindo nelas a solidariedade comunitária” e “escravizando-as para seu próprio benefício”. Os povos autóctones têm a semente do socialismo, sua força está na capacidade de resistir à igreja e à coroa. Gonzalez Prada crê que a forma de vida indígena tem muito que ensinar aos socialistas da Europa e do mundo.

Em 1903, o Panamá, recém-separado da Colômbia, palpitava de fervor anarco-sindicalista, os operários imigrados semeavam a semente da revolução entre os “nativos”: assim denunciou, várias vezes, o governador ianque da zona do canal, general George W. Davis. Foi tal a influência das manifestações libertárias que em 1904 expediu-se uma lei sobre imigração na qual proibia-se o ingresso de anarquistas no país.

Em 1875 é fundada a Federação Regional da R. O. do Uruguai, filiada à Primeira Internacional. Sua posição de forte denúncia frente aos expropriadores das terras indígenas levou-a a lançar campanhas de solidariedade pelas diminuídas e quase arrasadas comunidades indígenas.

A Federação Operária Regional Argentina (FORA), o primeiro movimento popular da Argentina, pelo influxo da grande imigração de operários europeus e de uma incipiente industrialização, proclamou-se anarco-comunista e adotou uma ideologia essencialmente kropotkiniana: sua obra *O Apoio Mútuo* influenciou de maneira decisiva na ação solidária da FORA para com as populações indígenas, as quais considerava “o testemunho vivo de que é possível uma sociedade anarco-comunista”.

A Colômbia no começo do século viu-se surpreendida por uma série de rebeliões indígenas, sua luta era contra a instituição colonial, de regime semifeudal, em que o indígena trabalhava nas terras do senhor em troca de poder cultivar uma pequena parcela para sobreviver. A voz libertária do indígena Nasa Manuel Quintin Lame sempre foi apoiada por diferentes grupos anarquistas e anarco-sindicalistas, os quais em mais de uma ocasião realizaram comícios de protesto diante dos locais onde estava preso.

Esta aliança anarco-indígena foi reforçada em 1992, diante da pretensão de se celebrar os 500 anos da primeira invasão das terras da Nossa América. De todo o mundo, a voz anarquista e anarco-sindicalista fez-se escutar; grupos, coletivos, seções sindicais e indivíduos do universo anarquista protagonizaram centenas de ações de protesto. Chamava-se a “desmascarar o genocídio”, a “autodescobrir a identidade invadida”, à “insubmissão total frente ao quinto centenário”, ao “boicote à celebração triunfalista de um crime”, etc.

Enfim, as relações solidárias entre indígenas e grupos anarquistas e anarco-sindicalistas não são novas. Não é de estranhar, pois, que atualmente partindo da AIT e todas as suas seções no mundo, aconteçam campanhas de solidariedade com vários grupos indígenas; os Wiwa e os U’wa na Colômbia, os Mapuches no Chile, os indígenas de Chiapas no México, os Ashaninka no Peru, os Yanomami no Brasil, os Aymara na Bolívia, Peru e Equador etc.

O novo impulso da aliança anarco-indígena deve ser incorporado como um elemento dinâmico nas lutas contra o poder e o capital. Os territórios indígenas são o

último objetivo da voracidade das multinacionais que, não somente saqueiam seus recursos minerais, mas também seu saber e medicina milenar. As sinistras patentes sobre a biodiversidade, quer dizer, a propriedade privada dos processos e produtos da mãe-terra, são os últimos inventos do neoliberalismo. A “aldeia global” é isto, aniquilar os últimos espaços de liberdade.

Os fenômenos da globalização têm um amplo espectro, as perspectivas econômicas, sociais e culturais levam-nos a pensar que são fenômenos complexos, que devem ser analisados a partir de diferentes correntes de pensamento. O anarquismo e o anarco-sindicalismo são duas delas. A globalização, como bem o explica o professor Franz J. Hinkelammert, é um fenômeno no qual a uniformidade é requisito fundamental; a homogeneização implica em que se assumam uma só postura frente à vida, à produção, ao comércio; unificam-se valores e arrasa-se com a diferença. Neste sentido, reivindicar a diferença é iniciar um espaço de luta frente às conseqüências da globalização.

* Seleção Carol Assata.

